

A VISITA DO TEMPO

Olga Arantes

Graduada em Filosofia, Pedagogia e Língua Portuguesa, com especialização em cinema e comunicação e Orientação Educacional. Mestrado em Educação com área de concentração em Educação Sócio comunitária pelo Centro Salesiano de São Paulo

RESUMO:

Análise crítica da obra A visita cruel do tempo da autora norte-americana Jennifer Egan lançada na 10ª edição da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP).

PALAVRAS-CHAVES:

Egan, Jennifer; Literatura americana- crítica e interpretação; Cultura Pop – Estados Unidos.

ABSTRACT:

Critical analysis of the work The cruel visit of the time by the American author Jennifer Egan launched at the 10th edition of the Paraty International Literary Party (FLIP).

KEYWORDS:

Egan, Jennifer; American-critical literature and interpretation; Pop Culture - United States.

Não me lembro do arrependimento, só da penitência que me foi colocada pelo confessor, na minha juventude.

Não era para rezar avemarias, era para visitar um asilo de velhos e ficar com eles meia hora.

Não era um lugar que eu me lembrasse de ter ido antes e com o pensamento cheio de dúvidas fui fazer o que tinha sido proposto, para o perdão.

Entrei e saí daquele lugar sem que ninguém tivesse me abordado ou perguntado por que eu estava ali. Entrei pela porta da capela que dava para o pátio da casa. Hoje são chamadas Casas de Repouso, naquela época era Asilo... Ontem ou hoje continua sendo o lugar dos esquecidos... esquecidos pelos filhos, esquecidos pelos parentes, pelos amigos, esquecidos pela sociedade...esquecidos.

Encontrei um senhor numa cadeira de rodas tentando chegar até a mesa onde seu café com leite e biscoito, tinha sido colocado.

Perguntei se queria ajuda e ele me disse que sim - precisava cuidar do “esqueleto”! Ajudei-o com o café e começamos a conversar; ele me contou que na mocidade tocava violino e a música era tudo que precisava para alimentar seu espírito e esqueleto. Era seu maior prazer e com o violino sustentava sua família. Hoje ele tinha só uma filha, não lembrava o que acontecera com o violino, mas quando a filha viesse visitá-lo ele iria perguntar-lhe sobre o violino. Ela morava no Rio de Janeiro e não podia vir com frequência. *Aliás, fazia tempo que não vinha... era por causa da falta de tempo, falou o idoso com um ar distante.*

- cuidar do corpo e da alma é muito importante, pois é preciso estar preparado para a “visita cruel do tempo”.

Saí daquele lugar com uma sensação de calma e paz, mas intrigada com aquelas palavras bonitas que, com o tempo, ficaram esquecidas até quando conheci a obra vencedora do Pulitzer, do National Book Cri-

tics Circle Award e do LA Times Book Prize, no ano de 2011, **A visita cruel do tempo**, de Jennifer Egan.

Eu a conheci em Paraty. Foi na 10ª edição da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP).

A autora americana estava presente e sua obra estava em minhas mãos.

Quase não nos falamos como é natural, durante a sessão de autógrafos, entretanto, ela perguntou quem era Hercio, o nome escrito para a dedicatória no livro e eu mostrei o fotógrafo amador que tentava de longe tirar nossa foto e, balbuciei “my husband”. Sua dedicatória parecia escrita de médico, mas terminava com, boa sorte!

Estava eu em Paraty, assim com estive nas décadas de 60, 70, 80, 90 e de 2000 em diante, anualmente, pelo menos cinco dias de julho, para a FLIP.

A primeira vez que fui a Paraty, era universitária, 1º ano de filosofia e secretária do Diretório Acadêmico, coordenadora regional da JUC – Juventude Universitária Católica, filha de um pai preocupado com a primeira vez que a menina ia passar o Ano Novo com os amigos e o namorado. (- Leve seu irmão, me disse!)-Levei. Meus colegas riram muito.Eu tinha 18 anos! Tempo bom!

Mamãe diz que o papai antigamente ria mais.

“Todo mundo ri mais quando é jovem”, diz ela (inclusive na faculdade). EGAN,J.A visita cruel do Tempo.p. 265

Em **A Visita Cruel do Tempo**, a norte-americana Jennifer Egan faz um caleidoscópio da cultura pop dos últimos 40 anos construindo a narrativa entre a São Francisco dos anos 70 e a Nova York de 2020, ao redor da ascensão e queda da fictícia banda punk The Conduits.

Sempre de uma perspectiva particular, de olho nas personagens secundárias à medida que trocam sonhos, loucuras, cabelos longos e guitarras por rugas, carecas, panças, desastres e leitos de hospital.

Jennifer Egan, jornalista especializada em música, prova ser possível reinventar o gênero, oxigenando-o com temas novos (as personagens secundárias da música pop) com uma escrita com tons de ironia e melancolia – ao mesmo tempo em que mostra um tarantinesco senso de construção de cena, personagem e diálogo.

O título me fez lembrar aquele idoso que conheci na década de 70 e imediatamente comecei a ler o livro.

A obra tece uma narrativa que alterna vozes, cenários e personagens para contar como os sonhos se constroem e se desfazem durante a vida.

Composta por histórias curtas, o livro tem 13 momentos sobre relações familiares, jornalismo de celebridades, efeitos da tecnologia, indústria fonográfica, viagens e a busca por identidade versus o esfacelamento de ideais, interligadas pelas memórias de um grupo de personagens em diferentes espaços - tempo de suas vidas.

A leitura como acordes de um violino, em que cada segmento, como um tom que avança e recua na cronologia para cobrir cinco décadas e tendo como motivo de fundo uma reflexão sobre os estragos provocados pela passagem do tempo na vida das personagens e da própria cultura americana, que adquire aqui o tom crepuscular de um império, que se sabe decadente. Aliás, o filme de 2003 do diretor Denys Arcand, *As Invasões Bárbaras* já falava que o **declínio do Império Americano** continua..., promovendo o reencontro dos amigos de *O Declínio do Império Americano* (1986) dezoito anos depois.

Em *A visita cruel do Tempo*, a autora transita entre a tragédia e a comédia, a sátira de costumes e o drama psicológico, em uma narração que se alterna entre a primeira, a terceira e até uma – segunda pessoa.

É um texto engenhoso, cujas histórias e personagens vêm e vão, deixam o elenco de apoio numa história para ocupar o centro da cena em outra.

Tão estruturante é o papel das elipses – e tão meticulosamente consciente de seus truques é o livro – que o conto-capítulo mais ex-

perimental, todo em linguagem de PowerPoint, só poderia ter como tema as pausas que um garoto coleciona, mede e analisa no meio de canções pop.

O livro foi bem recebido pela crítica, entretanto, alguns resenhistas o chamaram de fora de moda por abordar irregularmente o tema clássico da passagem do tempo e por cometer supostas ousadias, como o capítulo inteiro em PowerPoint, software de apresentação que justapõe textos, gráficos e imagens.

Particularmente, adorei este capítulo. Quando estudante gostava de desenhar os livros com cores e gráficos. Uma vez fiz um desenho, em uma prova com o conto de Clarice Lispector. A Rosinha, minha colega de turma, olhava o que eu fazia na prova e com um ar de ...o que você está fazendo?, só foi entender quando a professora, Irmã Olga, me convidou para apresentar para a classe, a análise que tinha feito!

Também tive a oportunidade de apresentar o esquema que tinha feito para analisar o romance *As Ondas* de Virginia Woolf, obra experimental de Woolf, em solilóquios feitos pelos seis personagens do livro e a sétima personagem, também importante, mesmo que o leitor nunca o escute falar por si mesmo, como aluna especial da USP, do Dr. Paulo Carvalho. Ambos os trabalhos se perderam no tempo. Acho que o xérox e a digitalização ainda estavam em gestação!. Tudo era mesmo feito a mão.

A visita cruel do tempo é um livro difícil de resumir ou explicar – embora essa dificuldade não esteja presente em sua capacidade de conquistar e de causar admiração. Não há um enredo propriamente dito, sequer linearidade de acontecimentos ou uma mesma perspectiva dos fatos.

Não há, na obra, um enredo clássico com início, meio e fim. *A visita cruel do tempo* se assemelha a um livro de contos, ou uma história misturada, em que uma história tem alguma relação com a anterior. O resultado parece com uma cacofonia assombrosa que soa como uma melodia de rock in roll.

Em determinado capítulo, uma personagem aparece em destaque, e várias outras em um segundo plano em maior ou menor grau de importância; no capítulo seguinte, aquela figura antes surgida em uma breve citação reaparece, agora ganhando a cena.

A cada novo capítulo, há uma surpresa e uma diferente compreensão e uma diferente visão das personagens, seja por estarem em papel de destaque, seja por serem vistas por uma diferente perspectiva, de acordo com a opinião das demais personalidades criadas pela escritora.

É justamente pela multiplicidade de vozes, cenários e enredos que **A visita cruel do tempo** se faz tão admirável e engenhoso, considerando-se que seriam exigidos da autora um grande domínio e habilidade para construir a obra de maneira tão singular.

O tempo, grande persona do enredo, é vilão e herói, agente e expectador, e acompanhar sua ação é tanto triste quanto interessante, algo dotado de uma estranha curiosidade.

O pano de fundo é a decadência da indústria da música, incapaz de se adaptar a novas tecnologias.

Direta ou indiretamente, as personagens se ligam ao estilo musical – em parte porque Bennie e Sasha, que funcionam como figuras-chave do livro, estão intrinsecamente conectados a este universo. Assim, girando em torno de um ou de outro, temos Lou, um produtor viciado em drogas, várias vezes divorciado e pai de seis filhos que, de certa forma, foi mentor de Bennie; Bosco, um guitarrista doente e de idade avançada que no passado fora um ícone de uma banda que dera fama a Bennie, a Conduits; Stephanie, ex-mulher de Bennie, cujo irmão, Jules, é acusado de agredir uma atriz de Hollywood chamada Kitty; Alison e Lincoln, filhos de Sasha que têm a própria maneira (diversa) de enxergar o mundo ao seu redor; Ted, tio de Sasha, infeliz com o próprio casamento e com os rumos de sua carreira; Dolly, profissional de relações públicas que cai em desgraça após um acontecimento horrível em uma festa badalada em Nova York; Rob, amigo de Sasha que enfrenta

alguns dilemas morais. E muitos, muitos outros, que veem e vão e voltam em capítulos surpreendentemente bem compostos.

Além de se inspirar em Sterne, Jennifer criou sua história com base em dois produtos culturais aparentemente opostos: o ciclo de romances **Em busca do tempo perdido** (1909-1922), de Marcel Proust, e a série de **televisão Família Soprano** (1999-2006). “Levei seis anos para ler Proust em inglês, no mesmo período em que vi *Família Soprano* pela TV”, diz. “Os livros e a série abordam o tempo com densidade. Só depois descobri que o criador dos Sopranos, David Chase, é admirador de Proust. Tentei transportar o tema para os dias de hoje, quando a tecnologia apaga a memória e nos empurra para o desconhecido. Nada melhor que a cena do rock e a indústria da música para expor isso.”

Mais do que um livro para entreter, essa é uma obra para se apreciar.

Mesclando passado e futuro, Egan tece uma narrativa profunda, poderosa, corajosa e marcante – sobre a vida, o humano, a comunicação, a evolução, as relações e a finitude.

O livro de Jennifer Egan toca em duas questões absolutamente diversas, e sequer complementares: o crescimento e amadurecimento e a tecnologia. É pungente, em **A visita cruel do tempo**, a transformação de uma criança ou de um jovem em um adulto – o foco não é passagem dos meses e dos anos, mas os



sonhos, esperanças e anseios que se perdem ao longo dos acontecimentos e da evolução de um organismo, como que levados pela correnteza impiedosa da própria vida.

Já a tecnologia surge de maneira natural e louvável: enquanto escritores contemporâneos têm procurado escapar lhe, resgatando o passado ou neutralizando o presente nos seus enredos, Egan encara, com veia crítica disfarçada e de maneira direta e corajosa, o que as redes sociais em particular e os computadores em geral podem fazer por nós – ao mudar a forma como nos comunicamos e nos reencontramos pelo mundo afora.

A personagem Sasha é a que mais se destaca aqui (ela abre o primeiro capítulo e é mencionada na última linha do final), embora a personagem principal deste livro seja mesmo o tempo. Naquele sentido que Nietzsche lhe dá. O tempo não passa devagar ou depressa, o tempo simplesmente é e está; ele é infinito e está aí o tempo todo. Nós e todas as coisas é que passamos por ele. Apesar do tempo e espaço serem personagens constantes em livros, neste a autora cria um romance de estilo ímpar sobre continuidade e rupturas, memória e expectativas.

Em **A visita cruel do tempo**, Egan traça um interessante e envolvente panorama sobre crescimento, perda e ambição e sobre o que acontece entre o que esperamos de nossa vida e o que se torna realidade.

A raiva me aperta, me esmaga por dentro. Meus braços doem. Levo as mãos até debaixo da cama de hospital de Lou e a levanto, fazendo-o escorregar dentro da piscina azul-turquesa e fazendo a agulha da medicação intravenosa ser arrancada de seu braço, espirrando sangue em seu rastro, manchando a água e deixando-a com um tom amarelado. Ainda sou forte, mesmo depois de tudo. Pulo na água atrás dele, com Rhea agora aos gritos, pulo para dentro d'água e o seguro lá embaixo, prendo sua cabeça entre os meus joelhos e o seguro lá esperando, e então ele estremece e se agita entre minhas pernas sacudindo-se

enquanto a vida se esvai do seu corpo. Quando ele fica totalmente parado, deixo-o flutuar até a superfície.

Abro os olhos. Ninguém se mexeu. Lou continua chorando, vasculhando a piscina com os olhos vazios. Rhea toca em seu peito através do lençol.

Hoje é um dia ruim. (...)"

(EGAN, s/d, p. 92).

O título do livro vai ser exatamente o ponto zero e que, de certa forma, já entrega boa parte dele. Porque ainda que não exista apenas uma trama central, ou um enredo simples, o elemento presente em todos os cantos é exatamente esse tempo cruel que assombra todas as personagens e porque não dizer, esta leitora.

Ainda que em vários momentos o livro seja divertido, fico com a impressão de uma realidade muito dura, como se todos aqueles sonhos de adolescência definitivamente não passavam de sonho. E diversas vezes, o futuro das personagens é apenas uma sombra ínfima de tudo aquilo que imaginamos. Como se a **ino-cência** realmente tivesse acabado.

Curioso como, de vez em quando, um livro ou um filme, se encaixa perfeitamente com o que está acontecendo com a nossa vida, e mesmo achando este livro maravilhoso, daqueles que não dá vontade de terminar, acho que o momento que eu estou passando colaborou com isso.

Caminho para o fim de um ciclo na minha vida como professora e a releitura de **A visita cruel do tempo**, uma maneira perfeita de celebrar isso.

- Você está feliz – disse Alex.

- Eu estou feliz – disse Sasha.- É que às vezes eu esqueço. (p. 11)

A visita cruel do tempo é um romance sobre o rock, portanto, sobre autodestruição. Personagens que abandonaram seus sonhos ou se deixaram corromper ou que buscaram um caminho deliberado de sabotarem a si mesmos. Personagens trágicas que estão na: “desola-

tion row” de Bob Dylan. Personagens vencidas pelo tempo, a se indagarem: como chegamos até aqui?

Mas não é apenas sobre rock, é também sobre uma cultura pervertida pelo marketing e pela tecnologia e pela dificuldade de comunicação entre casais, entre pais e filhos, entre melhores amigos...

Alguns críticos dizem que todo romance é sempre sobre o tempo; outros, que é sempre sobre o desejo. *A visita cruel do tempo* flutua em tom de elegia, na união proustiana entre tempo, memória e desejo. O tempo não perdoa, ao contrário da Autora, que trata suas personagens de forma delicada e sensível.

Jennifer Egan não adota a sintaxe tortuosa nem a análise psicológica aprofundada de Proust, preferindo a regra do “show, don’t tell”, com cada capítulo funcionando quase como um conto.

Em entrevista, ela afirmou que o princípio organizador do livro foi a descontinuidade. É a experiência simultaneamente fragmentária e intensa da memória que lhe permite as acrobacias olímpicas de técnica narrativa.

A visita cruel do tempo é um exemplo de design, de técnica e da capacidade de tocar o coração do leitor, que certamente fechará o livro com a vontade de fazer uma releitura – um prazer semelhante ao de ouvir um grande disco no repeat.

Um livro maravilhoso que merece ser lido e relido como uma preparação para receber a visita cruel do tempo.

Alex fechou os olhos e escutou: o portão de ferro de uma loja que era abaixado. Os roucos latidos de um cão. Caminhões passavam nas pontes. A noite aveludada em seus ouvidos. E o zumbido, sempre aquele mesmo zumbido, que talvez, no final das contas, não fosse um eco, mas sim o barulho do tempo que passa.

A noite azul
Estrelas q vc não vê
O zumbido q não se cala

Um barulho de saltos estalando na calçada pontuou o silêncio. Alex abriu os olhos de repente, e tanto ele quanto Bennie se viraram – na verdade, deram um giro com o corpo todo, esforçando-se para distinguir Sasha em meio à escuridão cinzenta. Mas era só outra garota, jovem e recém-chegada à cidade, tentando pôr a chave na fechadura. (EGAN, s/d, p. 333)

www.google.com.br

Em tempo: como gostaria de não receber essa visita!

Olga Arantes

DADOS

título: **A VISITA CRUEL DO TEMPO**

título original: A VISIT FROM THE GOON SQUAD

isbn: 9788580571295

segmento específico: LITERATURA NORTE-AMERICANA

idioma: Português

encadernação: Brochura

formato: 16 x 23

páginas: 336

ano de edição: 2011

ano copyright: 2010

edição: 1ª

autor: Jennifer Egan

tradutor: Fernanda Abreu

Fontes consultadas:

EGAN, Jennifer. *A visita cruel do tempo*/ tradução de Fernanda Abreu, Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2011.

<http://revistaepoca.globo.com/Mente-aberta/noticia/2012/01/em-busca-das-pausas-perdidas.html>

<http://todoprosa.com.br/a-visita-cruel-do-tempo-caminho-novo-ou-fim-da-linha/>